

Índice

Introdução à presente edição	9
Introdução: Uma ideia melhor	23

Estratégia

Prefácio à segunda edição revista	43
Prefácio	45

PARTE I: A estratégia, do século v a. C. ao século xx d. C.

I. A história enquanto experiência prática	53
II. As guerras gregas — Epaminondas, Filipe e Alexandre	58
III. As guerras de Roma — Aníbal, Cipião e César	78
IV. As guerras bizantinas — Belisário e Narsés	96
V. As guerras medievais	114
VI. O século xvii — Gustavo II Adolfo, Cromwell, Turenne	124
VII. O século xviii — Marlborough e Frederico	137
VIII. A revolução francesa e Napoleão Bonaparte	160
IX. 1854-1914	194
X. Conclusões a retirar de 25 séculos	217

PARTE II: A estratégia na Primeira Guerra Mundial

XI. Os planos e os seus resultados no teatro de operações ocidental em 1914	225
XII. O teatro de operações a nordeste	239
XIII. O teatro de operações a sudeste ou mediterrânico	250
XIV. A estratégia de 1918	265

PARTE III: A estratégia na Segunda Guerra Mundial	
XV. A estratégia de Hitler	287
XVI. A corrida para a vitória de Hitler	304
XVII. O declínio de Hitler	323
XVIII. A queda de Hitler	368
PARTE IV: As bases da estratégia e da grande estratégia	
XIX. A teoria da estratégia	413
XX. A essência da estratégia e da tática	430
XXI. O objecto nacional e o fim militar	434
XXII. A grande estratégia	452
XXIII. A guerra de guerrilha	460
ANEXO I	
A estratégia de abordagem indirecta na campanha do Norte de África (1940-42)	473
ANEXO II	
Resumo do artigo do general Yigael Yadin publicado pelo jornal das forças israelitas	490
Índice Onomástico	513

PARTE I

A estratégia, do século v a. C.
ao século xx d. C.

CAPÍTULO I

A história enquanto experiência prática

«Os tolos dizem que aprendem com a experiência. Eu prefiro tirar proveito da experiência dos outros.» Esta afirmação, atribuída a Bismarck, mas que de modo algum lhe é original, está especialmente relacionada com questões militares. Ao contrário daqueles que desempenham outras profissões, o soldado «regular» não pode exercer regularmente a sua. Na verdade, poder-se-á até dizer que, num sentido literal, a profissão das armas não é de todo uma profissão, mas simplesmente um «emprego casual» — e que paradoxalmente deixou de ser uma profissão quando as tropas mercenárias contratadas e pagas para uma guerra foram substituídas por exércitos contratadas que continuavam a ser pagos quando não havia guerra.

Se o argumento de que, estritamente falando, não existe uma «profissão das armas» não se aplica à maioria dos exércitos da actualidade no que respeita ao trabalho, isso é inevitavelmente reforçado no que respeita ao exercício, uma vez que as guerras se tornaram menos frequentes, ainda que a sua dimensão tenha aumentado em comparação com épocas anteriores. Isto porque mesmo a melhor instrução em tempo de paz é uma experiência mais «teórica» do que «prática».

Porém, o aforismo de Bismarck permite encarar o problema de uma maneira diferente e mais encorajadora. Ajuda-nos a perceber que há duas formas de experiência prática — a directa e a indirecta — e que, das duas, a experiência prática indirecta pode ser a mais valiosa por ser infinitamente mais vasta. Mesmo na carreira mais activa — em especial a do soldado —, o campo e as possibilidades da experiência directa são

extremamente limitados. Contrastando com a profissão militar, a profissão médica pauta-se por um exercício incessante; no entanto, os grandes avanços no campo da medicina e da cirurgia deveram-se mais ao pensador científico e ao investigador do que ao médico.

A experiência directa é inerentemente demasiado limitada para constituir uma base adequada, quer para a teoria, quer para a aplicação. Quando muito, produz uma atmosfera de valor para a clarificação e o reforço da estrutura de pensamento. A grande mais-valia da experiência indirecta reside na sua variedade e no seu alcance, que são maiores. «A história é experiência universal» — não a experiência de outro, mas de muitos outros sob condições várias.

Eis a justificação racional para a história militar enquanto base da educação militar — o seu valor prático preponderante na instrução e no desenvolvimento mental de um soldado. Como acontece com toda a experiência, porém, o benefício depende da sua amplitude: da maneira como mais se aproxima da definição antes citada e do método para estudá-la.

Os soldados reconhecem universalmente a verdade geral da tão citada máxima de Napoleão segundo a qual na guerra «o moral está para o físico como três para um». A proporção aritmética real pode ser desprezível, uma vez que o moral é passível de baixar se as armas forem inadequadas e a maior das vontades pouca utilidade tem num corpo morto. Porém, embora os factores morais e físicos sejam inseparáveis e indivisíveis, a afirmação representa um valor duradouro porque expressa a ideia da predominância dos factores morais em todas as decisões militares. Estes factores são indissociáveis da questão da guerra e do combate, e são uma constante na história da guerra, alterando-se apenas em termos de grau, ao passo que os factores físicos são diferentes em quase todas as guerras e situações militares.

Este entendimento afecta toda a questão do estudo da história militar tendo em vista uma finalidade prática. Nas gerações recentes, o método tem consistido na escolha de uma ou duas campanhas e no seu estudo exaustivo como meio de instrução profissional e como base para a teoria militar. Com uma base tão limitada, porém, o facto de os meios militares se alterarem de guerra para guerra comporta o perigo de a nossa perspectiva ficar limitada e de as lições serem falaciosas. Na esfera física, o único factor constante é o de que os meios e as condições são invariavelmente inconstantes.

Contrariamente, a natureza humana varia pouco na sua reacção ao perigo. Seja por uma questão de hereditariedade, do meio ou da aprendizagem, alguns homens podem ser menos sensíveis que outros, mas é uma diferença de grau, não uma diferença fundamental. Quanto mais localizada for a situação e o nosso estudo, mais desconcertante e menos calculável será essa diferença de grau. Pode impedir qualquer estimativa exacta da resistência que os homens oferecerão em determinada circunstância, mas não afecta menos o juízo que proporcionarão se forem tomados de surpresa do que se estiverem alerta, nem menos se estiverem cansados e famintos do que se estiverem frescos e bem alimentados. Quanto mais alargado for o levantamento psicológico, mais fidedignas serão as deduções.

A predominância do psicológico sobre o físico e a sua maior constância apontam para a conclusão de que a base de qualquer teoria da guerra deve ser tão alargada quanto possível. Se um estudo intensivo de uma campanha não for baseado num conhecimento vasto de toda a história da guerra, conduzir-nos-á com toda a probabilidade a armadilhas. Porém, se observamos que um efeito específico se segue a uma causa específica em vinte ou mais casos, teremos razões para considerar esta causa como parte integrante de qualquer teoria da guerra.

A tese apresentada neste livro é produto de um exame «alargado» desse tipo. Na realidade, poder-se-ia chamar-lhe o efeito combinado de certas causas, ligadas à minha função de editor militar da *Encyclopaedia Britannica*. Enquanto anteriormente tinha aprofundado vários períodos da história militar de acordo com a minha inclinação, este trabalho obrigava a um exame geral de todos os períodos. Um examinador — até um turista, se se quiser — adquire pelo menos uma perspectiva alargada e pode abarcar a configuração geral do terreno, ao passo que o mineiro só conhece o filão que explora.

Durante este exame, houve uma impressão que se tornou cada vez mais forte — a de que ao longo das várias épocas os resultados efectivos da guerra só raramente foram atingidos e só o foram quando a abordagem foi suficientemente indirecta para assegurar a impreparação do opositor ao enfrentá-la. A indirectividade era normalmente física e sempre psicológica. Na estratégia, o desvio mais longo é frequentemente o caminho mais curto.

A lição segundo a qual a abordagem directa ao nosso objecto mental ou ao nosso objectivo físico, de acordo com a «expectativa natural» do

opositor, tende a produzir resultados negativos tornou-se cada vez mais clara. A razão encontra-se, de uma maneira expressiva, na máxima de Napoleão: «O moral está para o físico como três para um.» Cientificamente, pode ser expressada ao dizer-se que, enquanto a força de uma unidade ou de um país opostos reside aparentemente no seu número e nos seus recursos, estes dependem fundamentalmente da estabilidade do controlo, do moral e do aprovisionamento.

Seguir a expectativa natural consolida o equilíbrio do opositor, aumentando deste modo o seu poder de resistência. Na guerra como na luta livre, a tentativa de derrubar o opositor sem que este perca o seu ponto de apoio e sem perturbar o seu equilíbrio resulta na nossa própria exaustão, que aumenta numa razão desproporcional relativamente ao esforço efectivo que é aplicado. Com um método deste tipo, o êxito só se torna possível mediante uma enorme margem de força superior sob alguma forma — e mesmo assim tende a perder o seu carácter decisivo. Na maior parte das campanhas, a perturbação do equilíbrio psicológico e físico do inimigo consistiu no prelúdio vital para uma tentativa bem-sucedida de o derrotar.

Esta perturbação foi produzida por uma abordagem estratégica indirecta intencional ou fortuita. Como a análise revela, pode tomar formas variadas. Sendo mais vasta que ela, a estratégia da abordagem indirecta inclui a *manœuvre sur les derrières* que as investigações do general Camon mostraram ser o objectivo constante e o método fulcral de Napoleão na condução das suas operações. Camon preocupou-se principalmente com os movimentos logísticos — os factores do tempo, do espaço e das comunicações. Porém, uma análise dos factores psicológicos tornou claro que existe uma relação subjacente entre muitas operações estratégicas que aparentemente não se assemelham a uma manobra contra a retaguarda do inimigo — e que no entanto são, não menos definitivamente, exemplos vitais da «estratégia da abordagem indirecta».

Para encontrar esta relação e determinar o carácter das operações, torna-se necessário classificar as forças numéricas e os pormenores do aprovisionamento e do transporte. A nossa preocupação prende-se simplesmente com os efeitos históricos numa gama alargada de casos e com os movimentos logísticos ou psicológicos que os originaram.

Se os efeitos semelhantes seguem movimentos fundamentalmente semelhantes em condições que variam grandemente em termos de natu-

reza, escala e data, então verifica-se uma ligação subjacente a partir da qual podemos deduzir logicamente uma causa comum. E, quanto mais as condições variarem, mais firme será esta dedução.

O valor objectivo de um exame alargado da guerra não se limita à investigação de uma doutrina nova e verdadeira. Se um exame alargado é uma base essencial para qualquer teoria da guerra, é igualmente necessário para o estudante militar comum que procura desenvolver a sua própria perspectiva e a capacidade de formar juízos. De outro modo, o seu conhecimento da guerra será como uma pirâmide invertida, precariamente equilibrada num estreito vértice.